

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CULTURA AFRO-BRASILEIRA
ABRIL DE 2006

A lei 10.639 e a diversidade cultural do Colégio Estadual Lauro Muller

ISADORA MARQUES CROCHIK

Introdução

Este texto se trata do relatório de um trabalho exploratório, sem pretensão científica, realizando junto com as crianças do Colégio Lauro Muller. Meu objetivo foi realizar um primeiro contato com as crianças, buscando um retrato de seu modo de pensar sobre a escravidão, suas origens e conseqüências. Não me ocupei em analisar e interpretar os discursos das crianças pois o meu interesse maior neste texto não é discutir o que elas pensam, nem relacionar o seu pensamento com o pensamento e atitude de adultos. Este trabalho é, na verdade, uma base para pensar maneiras eficientes de incluir discussões e conceitos antropológicos relativos à diversidade cultural e a questão dos negros no Brasil no cotidiano da escola.

A concepção de *criança* que permeou desde o planejamento da atividade, a interação com as crianças e a reflexão posterior está em ressonância com a recente conquista conceitual da antropologia da criança, que as considera *seres sociais plenos, atuantes e produtores de cultura*. As crianças, portanto, não foram meu objeto de estudo, mas minhas interlocutoras. Além disso, convém lembrar que podemos relacionar o discurso e atitude infantil com o discurso e atitude do adulto, mas não de uma forma determinada, direta e objetiva do tipo: “o discurso da criança *reflete* o racismo da sociedade brasileira” ou “a o discurso da criança é evidência de tal característica da mentalidade adulta dominante”. Neste trabalho não me ocupo em relacionar o pensamento das crianças com o pensamento hegemônico, ou com qualquer outro pensamento, mas considero conveniente dizer que *reflexo, evidência e reprodução* são termos insuficientes para pensar esta relação. Afinal, não podemos considerar a criança como um ser passivo, que “recebe” a cultura, mas sim como seres que constroem seu próprio lugar e significados.

Contexto

Podemos observar uma tendência de valorização da diversidade cultural no país, indicada, por exemplo, pela lei a número 10.639, sancionada em janeiro de 2003, que torna obrigatória a inclusão no currículo oficial da Educação Básica o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Esta lei é uma grande conquista na luta de eliminar o foco eurocêntrico da educação, e tal conquista está certamente relacionada aos conceitos e trajetórias traçados pelas ciências sociais, pela história e, especialmente, pela antropologia. A antropologia é a área de conhecimento que se ocupa em refletir profundamente sobre diferentes visões de mundo; suas reflexões e conceitos além de sustentar conceitualmente esta tendência de valorização da diversidade são fonte para enriquecer e construir uma nova visão da relação entre as culturas e populações: uma visão não hierárquica, preconceituosa, etnocêntrica, classificatória, baseada no medo da diferença, porém compreensiva, crítica e racional.

Esta nova visão constitui em uma desconstrução de pelo menos cinco séculos da mentalidade hegemônica da humanidade. Meu objetivo com este trabalho é explorar, saindo do “ambiente antropológico”, onde os conceitos e reflexões estão em movimento e já foram atingidos importantes conhecimentos relativos a diversidade cultural, para conhecer como tais temas são tratados na sala de aula com as crianças. Ou seja, fui à escola para saber como as crianças compreendem o fenômeno da escravidão, suas origens e conseqüências.

O trabalho

O trabalho de campo foi realizado no Colégio Estadual Lauro Muller, no centro de Florianópolis. Interagi com duas turmas de quarta série, a turma da manhã e da tarde. Foram, portanto, dois grupos de aproximadamente 30 crianças de 9 a 11 anos. Nesta escola, localizada no centro de Florianópolis, há ensino fundamental (matutino e vespertino) e ensino médio (noturno), em um total de aproximadamente 900 alunos. Fui informada, pela diretora, que a escola tem o maior número de alunos negros da cidade.

Tive aproximadamente duas horas de atividade com cada turma, durante o horário de aula. Ficou evidente que para interagir produtivamente com trinta crianças ao mesmo tempo é preciso preparo, técnica e, principalmente, prática. Minha experiência com a turma da manhã pareceu um pouco assustadora e caótica e a da tarde foi bem mais harmoniosa. Descrevo-as:

Ceguei no começo da aula e fui apresentada, pela professora. Pedi ajuda para as crianças, alegando que eu tinha um amigo estrangeiro que não sabia nada sobre o Brasil que queria entender por que tinha tantos negros e como eles tinham chegado aqui. As conversas (tanto da turma da manhã quanto da turma da tarde) infelizmente não foram registradas, porém tenho como objeto de análise as produções das crianças, que são registros precisos e criativos de todos os temas tratados. Depois desta conversa inicial, que ocorreu com a configuração tradicional da sala de aula (as carteiras em filas viradas para a lousa) dividi a turma em grupos para produzirem desenhos e/ou textos para enviarmos para o meu amigo estrangeiro, para ajudá-lo a compreender o que havia acontecido no Brasil. Depois de terminados os trabalhos, fizemos uma roda, sentados no chão em cima de tapetes *mágicos*, então tivemos mais uma conversa de fechamento. Podemos dividir a atividade em três partes :

- I) Conversa inicial, configuração tradicional da sala de aula
- II) Grupos: produção de desenhos e textos
- III) Conversa de fechamento: roda no chão

A atividade com a turma da tarde, elaborada a partir da experiência da manhã foi aperfeiçoada: ao chegar na sala já estendi os tapetes mágicos e nos sentamos em roda. Estimulei uma conversa, procurando compreender a visão que as crianças tinha da escravidão. Depois, convidei um amigo capoeirista para falar um pouco sobre capoeira e tocar berimbau, cantado algumas toadas. Em seguida, as crianças sentaram nas carteiras, divididas em grupos para registrar em forma de desenhos e/ou textos o que quisessem sobre o que havíamos conversado. Temos portanto:

- I) Conversa inicial, roda no chão
- II) Música, berimbau
- III) Grupos, produção de desenhos e textos

As conversas foram importantíssimas e percebi que precisava de mais preparo e agilidade. Como meu objetivo era conhecer o que as crianças conheciam, orientei a conversa no sentido de me aproximar de suas imaginações em relação ao fenômeno da escravidão. Eu queria saber como as crianças imaginavam o tempo passado, o que significava cruzar o oceano séculos atrás, como elas concebiam e explicavam a relação de escravidão, de passado, de descendência. Elaborei um pequeno roteiro para me orientar porém, não o segui rigidamente nem me aprofundi em todos os tópicos já que as crianças vão levantando suas próprias questões, encaminhando a conversa.

ROTEIRO

- Por que há negros no Brasil?
- África: como é e como era
- quem são os portugueses
- A terra que eles chegaram é a mesma que a gente vive agora, só que 500 anos atrás.

Como era o passado? Antes não tinha avião nem carro. Não tinha tantas máquinas, não tinha tantas cidades, como as pessoas viviam

- O que significa 500 anos para a experiência de vida de uma criança?
- Como é uma viagem que atravessa o oceano?
- Como é escravizar alguém? Como é a vida de uma pessoa escrava? Como é a vida de uma pessoa dona de escravo?
- O que leva uma pessoa a escravizar a outra?
- Como acabou a escravidão? Faz tempo? Gerações/ como foi, teve a lei e o que aconteceu?
- Hoje as pessoas negras são descendentes dos africanos que vieram escravizados?
- Será que o preconceito e racismo de hoje em dia tem haver com a escravidão?

O que é preciso transformar?

Apesar de o objetivo central da atividade ter sido estimular a expressão dos conhecimentos das crianças sobre o tema e não “dar uma aula” sobre escravidão, percebi que estimular a expressão das crianças é, na verdade, uma forma de “dar uma aula” e, conseqüentemente, exige pesquisa, planejamento e clareza sobre o assunto. A partir das diferentes impressões e informações expressas pelas crianças, são geradas polêmicas, levantadas questões. Temos nestes momentos além da oportunidade de estimular o levantamento de hipóteses, trazer informações e reflexões relevantes. Por exemplo, ao questionar sobre como os africanos tinham vindo para cá, surgiram diversas respostas: “os brasileiros foram lá buscar”, “os portugueses iam lá e depois traziam para o Brasil”, “o Brasil antigamente era Portugal”. A partir destas diferentes elaborações infantis temos “a deixa” para clarear algumas questões.

As produções infantis

4ª série da manhã

Foram produzidos dezoito desenhos e três textos.

Barcos no mar

3 desenhos de grandes navios, sem pessoas

4 desenhos de navios, retratando “escravos” presos e tristes e “portugueses” rindo

3 desenhos de jangadas com negros felizes, 2 destes desenhos trazem a bandeira do

Brasil

1 desenho de um navio no centro e uma jangada em destaque

Onze, de um total de 18 desenhos da turma da manhã retrataram barcos no mar. Considerei este fenômeno relativo a ênfase que eu dei a questão “afinal de contas, como os africanos vieram para o Brasil?”, de barco, oras!, responderam-me as crianças.

O que me chamou atenção foram os cinco desenhos que retratam pequenas embarcações, com negros felizes e a bandeira do Brasil. Não me arrisco a interpretá-los, pois acredito que uma interpretação consistente neste caso depende de uma conversa com os autores. Para ter uma idéia, um deles me contou que os personagens do desenho estavam fugindo. A partir destes trabalhos podemos perceber diversas características da riqueza do aprendizado da criança: a heterogeneidade, a diversidade, imaginação e capacidade de elaborar (o que é diferente de inventar) significados e olhar para a questão proposta a partir de infinitos (e para nós inimagináveis) pontos de vista. Quero dizer que ao invés de ter uma reação de julgamento frente aos desenhos das pequenas embarcações do tipo: “está errado, os africanos não vieram desta forma, a criança não entendeu o conteúdo transmitido” podemos explorar o ponto de vista e raciocínio da autora (a criança), relevando as questões que a nortearam, conhecendo seu ponto de partida para criar, seus interesses não só no intuito de fazê-las compreender que “na verdade os africanos vieram em grandes navios” mas enriquecer a reflexão com outras questões, que são relevantes as crianças.

Violência

Cinco desenhos trazem cenas de violência, com elementos como o pelourinho e o chicote. Geralmente o “branco” que está batendo no negro está rindo e o escravo, chorando. A partir destes desenhos podemos pensar a questão da construção dos personagens históricos no imaginário infantil. Como citei anteriormente, há uma multiplicidade de idéias sobre como o mundo se organizava no passado: o que era o Brasil e sua relação com Portugal, quem foi buscar os africanos na África (a maioria usa o termo “portugueses” para falar dos não escravos), como era a África que os “portugueses” chegaram, como era o Brasil com escravos. Notei que há abertura e interesse das crianças em entender o momento em sua complexidade, mas que há uma tendência a “mastigar” e simplificar as informações para “entregá-las” as crianças, principalmente por parte da televisão onde sempre nos deparamos com o mocinho e o bandido, o malvado e a vítima. Além disso, encontrei nas crianças uma imensa capacidade de se colocar no lugar do outro e imaginar o que ele pensa e sente e porque faz o que faz. Desta forma, temos a possibilidade de ir muito além da dicotomia do vilão e da vítima, elevando a discussão sobre as relações sociais a um nível de complexidade que lhe é devida.

Desenho de construções

Na turma da manhã uma criança desenhou uma senzala e outra desenhou duas casas, uma ao lado da outra que interpretei como a senzala e a casa do senhor.

Textos:

Transcrevo abaixo os textos produzidos. Minha intenção não é interpretá-los ou analisá-los, mas realizar um retrato do que e como as crianças pensam o assunto.

“Florianópolis, 06 de abril de 2006.

A escravidão!

A escravidão era muito injusta.

No tempo da escravidão eles lutavam pela liberdade mas a carta de alforria nunca chegava.

E enquanto isso os escravos fugiam quando os capitães do mato os capturavam os negros levavam chicotadas até morrer é a escravidão é muito injusta.

Os abolicionistas

Faziam muito bem eles também lutavam muito pela liberdade dos escravos.

ASS: Bianca”

“A escravidão

A escravidão acontecia com muitos negros. Os negros que passavam fome e não tinham onde morar eram procurados pelos brancos, e os brancos enganavam eles, dizendo que iam dar comida e lugar para eles morar a eles, e na verdade eles levavam os negros para o Brasil, para eles serem escravos. Os negros eram levados em barcos velhos para o Brasil, ... (não terminado)”

“4000 anos atrás no Brasil os portugueses pegavam na África muitos negros a força e trouxeram para o Brasil para fazê-los escravos.

Por isso agora no Brasil os negros se misturaram com as pessoas brancas.

E agora as pessoas ficaram deste jeito como famílias, maridos e mulheres que tiveram muitos filhos negros e brancos.”

4ª série da tarde

Nesta turma foram produzidos 24 desenhos e 6 textos.

Textos:

“Os escravos ficavam nos navios trancados no porão e acorrentados. Eles faziam o coco ali mesmo eles comiam assim. Os donos deles jogavam eles num lugar cheio de comida e eles tiravam e colocavam de novo acorrentados”

“Os negros

Os negros foram enganados pelos portugueses foram maltratados e eles não gostaram e os portugueses gostavam mas um dia um homem bom não gostava e lutou para defendê-los.”

“Negro

Os negros foram enganados pelos portugueses foram maltratados e eles não gostavam e os portugueses gostavam e os negros ficaram muito tristes eles acharam que com uma vida melhor que na fuga um dia um homem não gostava lutou para libertá-los”

“Negros

Os negros foram muito mal tratados pelos portugueses eles foram trazidos da África para o Brasil pensando que iam ter uma vida boa mas os portugueses mentiram e eles acreditaram.”

“Os escravos

Antes não existia escravos e veio os brancos enganaram os negros e levaram os negros que eles chamavam de escravos para o Brasil.”

“A escravidão

Os negros eram muito maltratados por isso os negros fugiam e iam para as montanhas e lá os negros inventavam a capoeira para se defender.

Os negros eram maltratados por que eles eram de pele escura. Todos os negros eram escravos até os filhos quando crescessem seriam escravos e os negros se cansaram disso por isso eles sempre fugiam.

Os portugueses foram lá na terra dos negros e amarraram eles e colocaram num navio e trouxeram pro Brasil e até hoje tem muitas pessoas negras no Brasil.”

“A escravidão

Os negros vieram da África pensando que aqui no Brasil encontrariam moradia. Os negros inventaram uma dança antiga chamada capoeira a capoeira é utilizada por vários obstáculos como para se defender , para se divertir... hoje em dia eles mostram a escravidão em novela, filmes... os negros vieram de navio para o Brasil aqui no Brasil tem negros que moram na rua, tem outros que vive vida normal o nome do navio era conhecido como navio negreiro os negros vinham no porão do navio acorrentados os portugueses botavam os negros de castigo amarrados com correntes. A novela mais mostrada a escravidão foi a Escrava Isaura, Xica da Silva, Sinhá Moça”

- A maior parte dos desenhos (14), como na turma da manhã também traziam navios: 8 desenhos de navios, 5 de navios com escravos apanhando e 1 desenho de um navio com um berimbau e um caxixi em destaque.
- Cinco desenhos retratam a capoeira, sendo 3 de pessoas jogando e 2 dos instrumentos musicais.
- Dois desenhos de casas, carroças, trabalho e violência e um desenho de uma casa colonial.

Houve dois desenhos que se destacaram nesta turma, que eu chamaria de “metalingüísticos”. Eles retratam não apenas os assuntos abordados na atividade, mas a atividade em si. Considero-os muito significativos pois evidenciam que o conhecimento, as informações não estão descoladas do momento de sua aprendizagem. Ou seja, para a criança suponho que não há divisão entre o “conteúdo” tratado na sala de aula e sua experiência de vida daquele dia na escola. Fiquei muito feliz com o desenho da Sabrina que retratou a nossa roda de tapetes *mágicos*.

Além da experiência em sala de aula, tive outra experiência, informal porém muito significativa na escola: na hora do recreio, o Carlos (meu amigo convidado para tocar berimbau) começou a tocar no pátio. Espontaneamente se organizou uma roda ao redor do berimbau e do pandeiro, as crianças revezavam os instrumentos seguindo as instruções de Carlos, que as ensinava a tocar, as que estavam sem instrumentos batiam palmas. Entre

uma música e outra, conversávamos. Muitas crianças vinham contar que jogavam capoeira, o Carlos contou algumas histórias. Um menino pegou o pandeiro e “quebrou tudo”.

O recreio é um horário “livre”, em que as crianças podem brincar, correr e gritar a vontade. Tem quadra e parquinho mas não é proposta nenhuma atividade, não há adultos, os professores ficam na sala dos professores. Neste caso, a hora do recreio se mostrou um ótimo período e ambiente para a aprendizagem.

A diversidade cultural interna à escola

Como foi mencionado anteriormente, o Colégio Lauro Muller é o colégio com o maior número de alunos negros da cidade. Temos, portanto, dezenas de afrodescendentes sentadinhos nas carteiras, circulando pelo pátio. Cada um deles tem uma vivência e concepção de sua própria história que vai muito além das informações presentes nas aulas de história e na televisão: não está apenas “no sangue” ou “na cor da pele”, mas na sua mãe, pai, avós, irmãos, vizinhos. Está na alimentação, na religião, na concepção de ser humano, de vida e de morte. Está na sua maneira de ver, ouvir e interagir com o mundo. Está em seus corpos.

Estamos vivendo um momento em que a lei finalmente olhou para a realidade escolar brasileira e nos deparamos com o desafio de trazer os conhecimentos destes afrodescendentes, que habitualmente se manifestam na periferia da escola, ou nos períodos periféricos da vida escolar, para o centro da escola. Identifico um cuidado necessário para esta movimentação: incluir o ensino de história e cultura afro-brasileira implica em transformar relações de poder, organização do tempo e do espaço da escola. Ou seja, para incluir de fato reflexões relevantes e profundas sobre a cultura afro-brasileira talvez seja preciso que os professores se calem um pouco e escutem os alunos, que se afastem as carteiras e seja feita uma roda, que se cante e dance ao invés de ficar sentado na carteira. Não tenho a intenção de criticar ou de falar sobre a rotina escolar (que eu não conheço, a não ser por esta pequena experiência), mas identifico a oportunidade de ao incluir o ensino de cultura afro-brasileira repensar o próprio ensino, a concepção de conhecimento e a relação entre educadores e educandos. Afinal o conhecimento, a sabedoria afro-descendente, se apresenta de uma forma diversa do conhecimento tradicionalmente tratado na educação escolar.

Minha proposta, portanto, não é criticar e julgar mas através de um olhar crítico propor alternativas que atendam a este desafio. Para tanto, tenho em mente o projeto de um grupo que reúna estudantes de ciências sociais, pedagogia e educação física para pensar atividades que abranjam os conteúdos considerados relevantes de forma lúdica, que estimule a criatividade e a reflexão dos alunos. Além disso, tal grupo também se responsabilizaria em trocar com os professores, tanto trazendo discussões sobre os temas e conteúdos relevantes referentes a história e cultura afro-brasileira como demonstrando uma relação diferente com as crianças.